# Protocolos medievais de leitura bíblica: análises do Códice 2437

## Medieval Biblical Reading Protocols: Analysis of the Codex 2437

## Protocolos Medievales de Lectura Bíblica: Análisis del Códice 2437

Anderson de Oliveira Lima*

**RESUMO**
O artigo propõe o estudo do códice 2437, um manuscrito escrito entre os séculos XII e XIII que traz os quatro evangelhos e é parte do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A análise se concentra nas letras maiúsculas colocadas às margens do texto bíblico que têm por objetivo indicar ao leitor o início de novas unidades narrativas. Isso é interessante porque as Bíblias daquele tempo não contavam com capítulos, versículos nem tampouco parágrafos, pelo que podemos ver tais sinais como artifícios incluídos nos textos por seus produtores para guiar a leitura e a produção de sentidos.
**Palavras-Chave:** Interpretação bíblica; Códice 2437; Delimitação de perícopes; Protocolos de leitura.

**ABSTRACT**
The article proposes a study of the codex 2437, a manuscript written between the centuries XII and XIII that brings the four Gospels; it is part of the collection of the National Library of Rio de Janeiro. The analysis focuses the capital letters placed on the edges of the biblical text that intended to indicate to the reader the beginning of new narrative units. This is interesting because the Bibles from those times did not have chapters, verses nor paragraphs, and we can see that signs as a kind of devices included in the texts by their producers to guide the reading and the production of meanings.
**Keywords:** Biblical interpretation; Codex 2437; Perícopes delimitation; Reading Protocols.

**RESUMEN**
El artículo propone el estudio del códice 2437, un manuscrito hecho entre los siglos XII y XIII que trae los cuatro evangelios y es parte de la colección de la Biblioteca Nacional del Rio de Janeiro. El analice se centra en las letras mayúsculas que están puestas en las márgenes del texto bíblico cuyo objetivo es indicar al lector la abertura de nuevas unidades narrativas. Esto es interesante porque las Biblias de aquel tiempo no tenían capítulos, versos ni párrafos. Por esto podemos ver estos signos como dispositivos incluidos en los textos por sus productores para guiar la lectura y la producción de significados.
**Palabras Clave:** Interpretación bíblica; Códice 2437; Delimitación de perícopes; Protocolos de lectura.

* É doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e especialista em Bíblia (Lato-Sensu) pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Este trabalho é parte de sua pesquisa de pós-doutorado em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e contou com apoio da CAPES. anderson.angela.lima@gmail.com.

## Introdução

Este artigo é parte de um projeto de pesquisa que tem concentrado suas atenções sobre o códice 2437, um manuscrito em grego que contém os quatro evangelhos canônicos, supostamente produzido entre os séculos XII e XIII (ALAND; ALAND, 2009, p. 236-237; SARAIVA, 2011, p. 100-118), e que é parte do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Desde que Bruce M. Metzger, famoso estudioso dos manuscritos do Novo Testamento, visitou o Brasil e analisou o códice no começo da década de 1950 (METZGER, 1952), sabe-se que este manuscrito traz um texto bíblico do tipo bizantino (ou *majoritário*), o qual foi o tipo de texto bíblico mais copiado ao longo da Idade Média (PAROSCHI, 1993, p. 87). Todavia, análises mais cuidadosas do documento só foram empreendidas recentemente, por estudiosos brasileiros que se dedicaram, acima de tudo, à descrição precisa do códice, à decifração do texto grego e à produção de edições paleográficas de cada uma de suas páginas.[1]

O códice 2437, embora seja o mais antigo manuscrito de toda a América Latina, ainda não despertou interesse nos especialistas na crítica textual do Novo Testamento, e isso se deve ao fato de ele ser apenas mais um dentre os muitos minúsculos desse tipo que foram produzidos entre os séculos IX e XVI.[2] Para quem estuda os manuscritos bíblicos em busca de versões mais antigas e próximas dos originais o códice 2437 tem pouco a dizer, mas nossos objetivos são outros. Estamos encarando o códice como parte de nossa cultura material e, principalmente, como um objeto capaz de nos revelar algo muito particular sobre as antigas Bíblias e seus usos.

O referencial teórico escolhido para este trabalho parte da *História da Cultura Escrita* conforme o desenvolvimento que Roger Chartier lhe tem dado. O pesquisador francês, escrevendo sobre sua área dentro dos estudos culturais, afirma que ao trabalhar com livros é preciso lidar com a "pluralidade das operações usadas na publicação de textos" (CHARTIER, 2014, p. 38), o que o leva a considerar os livros como produtos acabados. Ele defendeu em vários momentos de sua trajetória que "O processo de publicação, seja qual for sua modalidade, sempre é coletivo, já que não separa a materialida-

[1] Nos referimos a estudiosos como Jacyntho Lins Brandão (2002), Ana Virgínia Pinheiro (2002), Maria Olívia de Quadros Saraiva (2003; 2011), Paulo José Benício (2004; 2011) e Loide Melo de Araújo Silva (2008). Um resumo dessa história de pesquisas está registrado no livro *Manuscrito Grego 2437 da Biblioteca Nacional: pesquisas desenvolvidas de 1952 a 2012,* escrito por Maria Olívia de Quadros Saraiva e Tereza Virginia Ribeiro Barbosa (2014).

[2] As linhas a seguir, de Kurt e Barbara Aland, ilustram o que temos dito sobre o valor dos minúsculos entre os antigos manuscritos bíblicos: "[...] a maioria dos minúsculos ainda não foi examinada por seu valor textual (pelo menos a metade deles certamente são subestimados) simplesmente porque o exame de 2812 manuscritos está além da capacidade de qualquer erudito, ou mesmo de uma equipe de eruditos" (2009, p 215).

de do texto da textualidade do livro. Portanto, é inútil pretender distinguir a substância essencial da obra [...] das variações acidentais do texto [...]" (CHARTIER, 2010, p. 40).

Roger Chartier reconhece que todo autor emprega um conjunto de dispositivos que têm a finalidade de controlar a interpretação do texto, porém, ele nega que o autor possa exercer pleno controle sobre a leitura que alguém faz de seu texto, e a distância entre a leitura real e a ideal já começa na produção do próprio livro que deve, para chegar ao leitor, assumir uma existência concreta (CHARTIER, 2011, p. 97). Por fim, Chartier chama os recursos empregados pelo autor e pela materialidade do texto para controlar a produção de sentidos de *protocolos de leitura* (CHARTIER, 2011, p. 20), um conceito que nós empregaremos aqui para desenvolver nossa análise de um dos aspectos formais do códice 2437.

## 1. As Letras Maiúsculas e a Segmentação das Perícopes no Códice 2437

Uma das curiosidades do códice 2437 diz respeito às suas propostas de delimitação de unidades textuais. Sabemos que quando os textos bíblicos foram produzidos a linguagem escrita não contava com todos os sinais gráficos facilitadores que hoje conhecemos, tais como as vírgulas e os parágrafos. Isso torna o estudo desses textos antigos mais difícil e nos coloca diante do problema que é a incerteza em relação a todos os sinais que hoje estão presentes no texto e que foram incluídos por pessoas que os utilizaram ao longo da história.

Uma Bíblia é uma coleção de livros que foram formados pela justaposição de unidades textuais menores, colhidas da tradição oral e escrita e reunidas por um redator que, ao cabo, é quem chamamos de autor. Um dos desafios da interpretação bíblica é, e sempre foi, delimitar essas unidades textuais num texto contínuo, fazer distinção entre textos razoavelmente autônomos para que a leitura, a interpretação e a teologia se pautassem em passagens completas, e não em aforismos criados por escolhas pessoais e recortes sem critérios. Não por acaso, a exegese bíblica costuma ensinar que a interpretação dessa literatura deve começar justamente pela delimitação de perícopes, isto é, pela escolha criteriosa e devidamente justificada de uma unidade textual de sentido completo (WEGNER, 1998, p. 84-88; MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 43-54). Buscando auxiliar o leitor na delimitações das perícopes, as Bíblias de hoje apresentam uma numeração aceita quase que universalmente que divide os textos em capítulos e versículos. A divisão dos livros bíblicos em capítulos que se tornou tradicional e aparece nas Bíblias

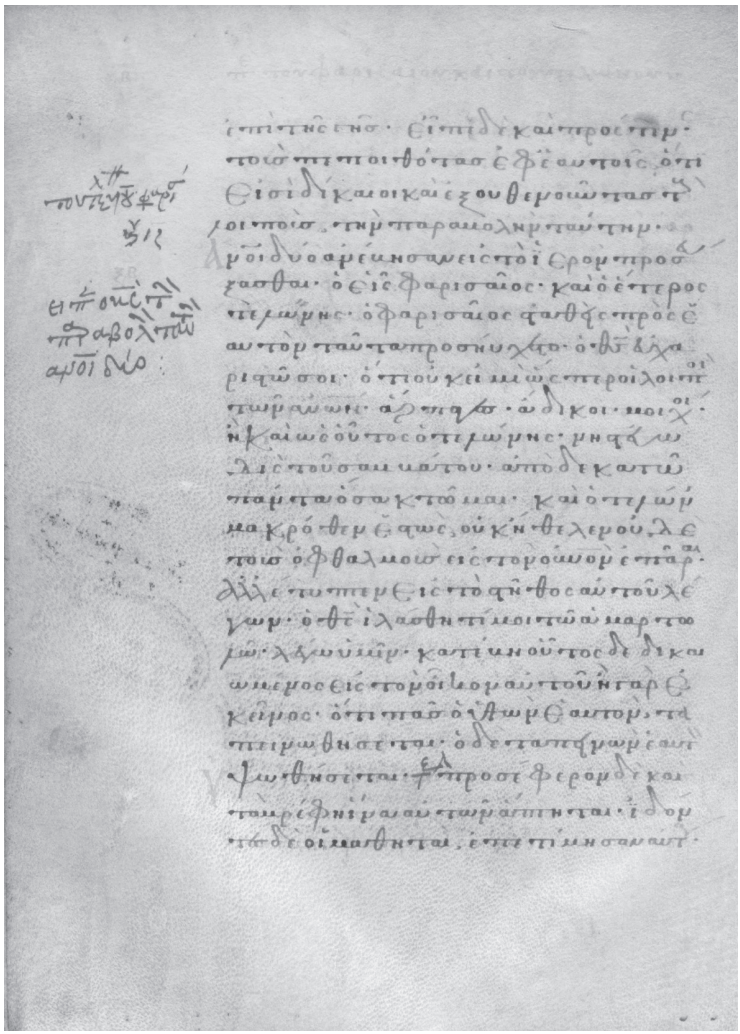
atuais é bem antiga; foi desenvolvida no século XIII por Stephen Langton, um arcebispo de Cantuária. Depois, na metade do século XV, a Bíblia Hebraica ganhou sua divisão em versos pelas mãos do Rabino Nathan. Ainda mais tarde o tipógrafo Robert Estienne (ou Stephanus) fez o mesmo com o Novo Testamento, tornando-se o primeiro a imprimir a Bíblia com essa forma em meados do século XVI (CRAIN, 2010, p. 4).

O códice 2437, escrito entre os séculos XII e XIII, está no meio do caminho entre os autógrafos e nossas Bíblias modernas. Seu texto grego continua precário se comparado aos nossos hábitos modernos de escrita, mas já notamos o uso de alguns recursos que não estão presentes nos manuscritos mais antigos. Para começar, o grego desses evangelhos já conta com a maior parte dos sinais que hoje se tornaram comuns à escrita grega, como escreveu Maria Olívia de Quadros Saraiva: "Usam-se sistematicamente os espíritos e os acentos agudo, grave e circunflexo, bem como trema sobre alguns iotas e ípsilons em posição inicial. Usam-se também ponto alto, ponto baixo e vírgula" (SARAIVA, 2003, p. 6).

Uma segmentação universalmente padronizada que enumerava capítulos e versículos inexistia nos séculos XII e XIII, mas no códice já há um bom número de divisões que nos dão informações sobre as fases formativas dessa forma segmentada. Caberá a essa pesquisa, portanto, investigar essas marcas individualmente e suas relações, e avaliar o tipo de leitura que o livro em si parece sugerir a partir dessas intervenções impostas pelos agentes históricos que leram e copiaram os livros bíblicos. Esse estudo seguirá o seguinte caminho metodológico: primeiro é preciso compreender alguns dos sinais gráficos empregados pelo copista do códice 2437 e identificar um padrão em seus usos, o que se deve fazer lendo o manuscrito, traduzindo e decifrando seus signos. Simultaneamente poderemos comparar as subdivisões impostas ao texto bíblico do códice por este copista com aquelas que estão presentes nas Bíblias modernas e avaliar ambas as formas de segmentar o texto bíblico pela análise dos conteúdos das narrativas, levando em consideração critérios simples como a completude e integridade dos enredos. Então poderemos fazer suposições sobre o protocolo da leitura, sobre o tipo de leitura que o códice 2437, do modo como se apresenta, sugere ao leitor.

O elemento com o qual nos ocuparemos é o uso de letras maiúsculas que são encontradas nas margens das páginas do códice 2437, fora da mancha do texto (SARAIVA, 2011, p. 121). No códice as palavras ainda não aparecem separadas umas das outras e não há qualquer segmentação que possa nos lembrar a formação de parágrafos. As maiúsculas que aqui nos chamam a atenção sequer correspondem às primeiras letras das palavras. Embora pareça óbvio que a inclusão delas tenha sido proposital, aos olhos não treinados nesse tipo de linguagem elas poderiam ser encaradas como elementos estra-

nhos e sem qualquer sentido. Porém, supomos que tais destaques devem ter a função de sinalizadores, instrumentos utilizados para chamar a atenção do leitor para algo no ponto em que estão colocadas. Seguindo esse raciocínio, diríamos que essas letras maiúsculas ali estão para marcar algum tipo de divisão interna relativa ao conteúdo do texto grego. Essa é nossa hipótese de trabalho que será testada no exame de alguns fragmentos do manuscrito. Confirmando tal hipótese, estaremos diante de um importante instrumento visual (e verbal) empregado para influenciar a recepção; noutras palavras, estaremos lidando com um código importante para o estudo do protocolo de leitura bíblica medieval.



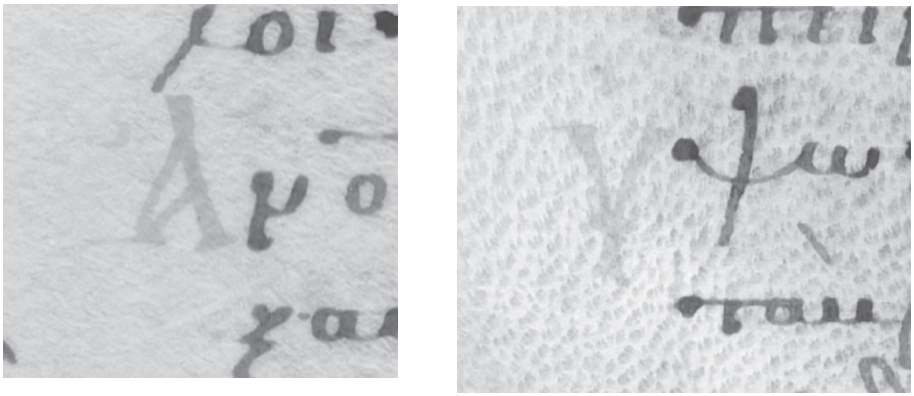
*Fólio 151 verso*[3]

3 Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Para viabilizar nossas análises selecionamos uma amostragem de texto que foi escolhida do códice de forma praticamente aleatória. Nos dedicaremos apenas ao exame dos fólios 151 verso e 152 recto.

## 2. A Primeira Unidade Narrativa (Lucas 18.10-14)

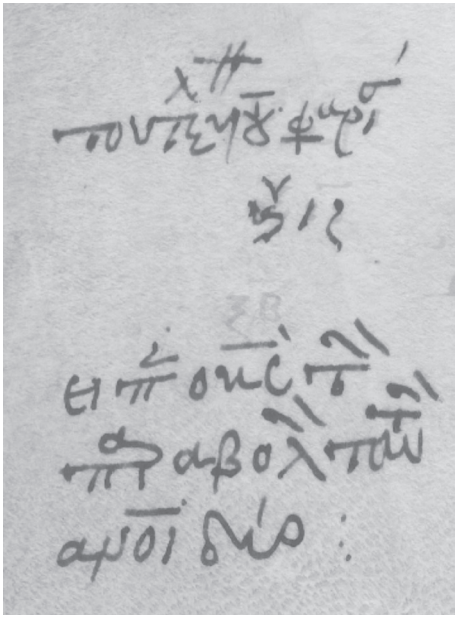
No fólio 151 verso há duas dessas letras maiúsculas que, como sempre, estão postas à margem, à esquerda do texto. As maiúsculas são: um *alfa* (α) na linha 5 e um *ýpsilon* (Ψ) na linha 22. Tais letras, embora estejam fora da mancha do texto, fazem parte das palavras que compõem o texto bíblico e, sem dúvida, foram escritas pelo mesmo copista. Outra peculiaridade dessas letras é que elas foram escritas com tinta vermelha, assim como a linha que mal se pode enxergar acima de todas as outras no cabeçalho.

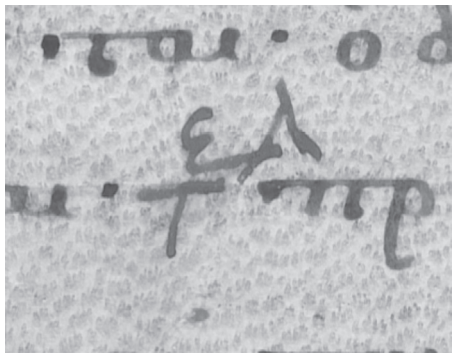


Detalhes das letras maiúsculas feitas pelo copista no fólio 151 verso

A tinta vermelha do copista foi consideravelmente apagada pelo tempo, talvez por conta de sua má qualidade, e isso nos ajuda a distinguir com mais facilidade as anotações feitas no códice por outra mão. Trata-se da caligrafia de um segundo agente, talvez um leitor, que também usou tinta vermelha para fazer suas anotações às margens e no corpo do texto. A tinta vermelha desta segunda mão permanece bem viva, e embora seja difícil compreender tudo o que ela procura comunicar, logo se nota que parte delas tem o objetivo de marcar os pontos onde a leitura pública deveria começar ou terminar.[4]

[4] No fólio 151 verso, por exemplo, este suposto leitor incluiu, na metade da linha 22, um "τελ" com sua inconfundível. Trata-se da abreviação de τέλος, que significa simplesmente: *fim*. Esse tipo de marginalia é comum aos antigos manuscritos bíblicos, e sempre é considerada como marca ligada à prática de leitura pública e litúrgica (METZGER, 1992, p. 43-44).





Detalhes das anotações posteriores feitas no fólio 151 verso

Nos ocuparemos, neste momento, apenas com as maiúsculas vermelhas do copista, adiando o trabalho de análise das marcas desse segundo agente para o futuro. Então passaremos a falar sobre a primeira das maiúsculas que nos interessam, o *alfa* (α) que abre a linha 5 do fólio 151 verso. Para compreender sua presença, abaixo transcrevemos o texto grego de todo o fólio 151 verso com ajuda da edição paleográfica de Maria Olívia de Quadros Saraiva (2011, p. 234-235). Após a transcrição do texto grego oferecemos uma tradução nossa para o português, incluindo nela a tradicional segmentação em capítulos e versículos de Lucas 18 para facilitar a localização do leitor:

[fólio 151 verso: edição paleográfica]

1 ἐπὶ τῆς γῆς· 189. εἶπε δὲ καὶ πρός τιν,ας·
2 τοὺς πεποιθότας ἐφ' ἑαυτοῖς ὅτι
3 εἰσὶ δίκαιοι καὶ ἐξουθενοῦντας τ,οὺς.
4 λοιποὺς, τὴν παραβολὴν ταύτην·
5 1810. Ἄ ν,θρω.ποι δύο ἀνέβησαν εἰς τὸ ἱερὸν προσ,εύ.
6 ξασθαι· ὁ εἷς Φαρισαῖος· καὶ ὁ ἕτερος
7 τελώνης, 1811. ὁ φαρισαῖος σταθεὶς πρὸς ἑ-
8 αυτὸν ταῦτα προσήυχετο· ὁ θ,εὸ.ς, εὐχα-
9 ριστῶ σοι· ὅτι οὐκ εἰμὶ ὥσπερ οἱ λοιπ,οὶ.
10 τῶν ἀν,θρώπ.ων· ἅρπαγες· ἄδικοι· μοιχ,οί.·

11 η καὶ ὡς οὗτοσ ὁ τελώνησ· ,1812. νηστὲυω
12 δὶς τοῦ σαββάτου· ἀποδεκατῶ
13 πάντα ὅσα κτῶμαι· ,1813. καὶ ὁ τελών,ησ.
14 μακρόθεν ἑστὼσ, οὐκ ἤθελεν οὐδὲ
15 τοὺσ ὀφθαλμοὺσ εἰσ τὸν οὐ,ρα.νὸν ἐπᾶρ,αι.·
16 ἀλλ᾽ ἔτυπτεν εἰσ τὸ στῆθοσ αὐτοῦ λέ-
17 γων· ὁ θ,εὸ.σ ἱλάσθητί μοι τῷ ἁμαρτω-
18 λῶ. ,1814. λέγω ὑμῖν· κατέβη οὗτοσ δεδικαι-
19 ωμένοσ εἰσ τὸν οἶκον αὐτοῦ η γὰρ ἑ-
20 κεῖνοσ· ὅτι πᾶσ ὁ ὑψῶν ἑαυτὸν, τα-
21 πεινωθήσεται· ὁ δὲ ταπεινων ἑαυτ,ον.
22 ῞Ψ ψωθήσεται· ,1815. προσέφερον δὲ καὶ
23 τὰ βρέφη ἵνα αὐτῶν ἅπτηται ἰδον-
24 τεσ δὲ οἱ μαθηταὶ, ἐπετίμησαν αὐτ,οῖσ..

[fólio 151 verso: tradução]

1 sobre a terra? (18.9) E disse também para alguns
2 que eram confiantes em si mesmos que
3 são justos e desprezavam os
4 outros esta parábola:
5 (18.10) [D] ois homens subiram para o templo (para)
6 orar: e um (era) fariseu; e o outro
7 publicano. (18.11) O fariseu, que estava postado,
8 para si mesmo orava: "Deus, te agradeço
9 porque não sou como os outros
10 homens, roubadores, injustos, adúlteros,
11 e também como este publicano. (18.12) Jejuo
12 duas vezes para o sábado, dou o dízimo
13 de tudo quanto adquiro". (18.13) E o publicano,
14 que se postava afastado, não queria
15 nem os olhos para o céu levantar.
16 mas batia sobre o peito di-
17 zendo: "Deus, tem piedade de mim, peca-
18 dor!". (18.14) Digo a vós: este desceu justifi-
19 cado para sua casa ou de fato
20 aquele? Pois todo que exalta a si mesmo será
21 humilhado; mas o que se humilha a si mesmo
22 [S] erá exaltado. (18.15) E traziam também
23 suas crianças para que tocasse e, ven-
24 do os discípulos, os repreenderam.

O *alfa* (α) da linha 5 traz o começo de Lucas 18.10, texto em que o narrador do evangelho dá voz a Jesus, seu protagonista, que passa a ensinar seus discípulos por meio de uma de suas tradicionais parábolas. A parábola compara dois sujeitos que sobem a Jerusalém, ao monte em que o templo judaico estava localizado nos dias de Jesus, com a intenção de orarem. Segundo Jesus um dos sujeitos era um fariseu, um personagem estereotipado dos evangelhos, rival incorrigível de Jesus e seus discípulos. Um fariseu era um membro de uma facção religiosa que no final do século I ganhava terreno ante outros judaísmos e se colocava como a legítima intérprete e praticante da lei judaica. O outro personagem era um publicano, sujeito que, segundo pesquisadores, fazia parte de uma classe de pequenos trabalhadores terceirizados que prestavam serviços a arrendatários que tinham o direito de recolher os tributos locais e os repassar ao Império Romano (HORSLEY, 2010, p. 188-189; WEGNER, 1998, p. 281-283). É comum ouvirmos que os publicanos, ao prestar serviço aos dominadores, eram considerados traidores por seus patrícios, além de serem acusados de abusos ao cobrarem valores maiores do que o realmente exigido pelo Império. Por tudo isso, os publicanos eram uma classe especialmente odiada naquele contexto social e histórico. Assim, na parábola Jesus opõe um sujeito que é um estereótipo religioso, então bem quisto na sociedade, e um sujeito pecador. O fariseu, como lemos no texto do códice 2437, se considerava um homem justo, melhor que os demais, enquanto que o publicano reconhece suas falhas e clama pela misericórdia divina. No fim das contas, Jesus diz que foi o publicano quem desceu do monte do templo justificado, levantando com esta conclusão algumas dúvidas quanto ao senso comum. Jesus critica o orgulho e a ritualística farisaicas, incentiva a humildade e oferece novos valores religiosos e sociais para o fazer teológico de seu tempo.

O único problema do texto e do uso da letra maiúscula como sua marca inicial é que, desse modo, a perícope tem início no versículo 10. Contudo, nos parece mais adequado considerar o versículo 9 como parte da mesma unidade narrativa. Se lermos as primeiras linhas da página veremos que ali há uma espécie de introdução do narrador à parábola de Jesus, que diz: "E disse também para alguns que eram confiantes em si mesmos que são justos e desprezavam os outros esta parábola:".

A leitura sequencial dificilmente admitiria a separação desta introdução, mas a leitura religiosa, pontual, litúrgica, tal qual a que provavelmente se faria do códice, preferiu dar atenção apenas às palavras que o próprio Jesus profere no evangelho, separando a parábola em si de sua moldura narrativa lucana original. Como protocolo de leitura, o ponto em que o *alfa* maiúscu-

lo foi incluído sugere ao leitor uma redução das marcas da enunciação, um obscurecimento da voz narrativa, dando ao leitor ou ouvinte a sensação de ter, com o livro, um acesso mais direto às palavras do Jesus histórico. Todavia, isso não passa de um efeito de sentido; se por um lado a mediação do narrador é reduzida, por outro, a mediação do escriba se materializa na letra maiúscula e se torna decisiva, chegando ao ponto de separar uma parábola bíblica de sua própria introdução.

## 3. A Segunda Unidade Narrativa (Lucas 18.15-16a)

Seguindo com a análise, a segunda letra maiúscula do fólio 151 verso, o *ýpsilon* (Ψ) que aparece à esquerda da linha 22, traz exatamente o final dessa parábola e, da metade em diante, o começo de uma nova cena narrativa. Poderemos confirmar aqui que o copista emprega tais maiúsculas como uma forma de tornar os inícios de unidades narrativas mais evidentes para seus leitores. Mas, antes de tirarmos conclusões, sigamos com a leitura, agora partindo da linha 22 do fólio 151 verso e seguindo até o fólio 152 recto, linha 3, ponto em que uma nova maiúscula, um *kapa* (κ), parece marcar nova quebra na narrativa:

[fólio 151 verso: edição paleográfica]
22 ⸀Ψ ψωθήσεται· ,1815. προσέφερον δὲ καὶ
23 τὰ βρέφη ἵνα αὐτῶν ἅπτηται ἰδον-
24 τες δὲ οἱ μαθηταὶ, ἐπετίμησαν αὐτ,οῖσ..
⸀φλιο 152 ρεχτὸ
1 ,1816. ὁ δὲ ἰ,ησοῦ.σ προσεκαλεσάμ,εν.,οσ. αὐτὰ, εἶπεν·
2 ἄφετε τὰ παιδία ἔρχεσθαι πρός ,με.
3 ⸀Κ̈ αὶ μὴ κωλύετε αὐτά· τῶν γὰρ τοι,οὗ.⸁

⸀φλιο 151’ερσο⸀ τραδυὸ
22 ⸀Σ̈ ερ εξαλταδὸ ,1815. Ε τραζιαμ ταμβμ
23 συασ χριανασ παρα θυε τοχασσε έ’εν̂
24 δο οσ δισχπυλοσ́ οσ ρεπρεενδεραμ̀
⸀φλιο 152 ρεχτὸ
1 ,1816. Μασ εσυσ χηαμανδὸοσ́ δισσε⸀
2 δειξαι ασ χριανασ’ιρ α μιμ
3 ⸀Ε̈ νο ασ ιμπεαιδ̈ ποισ δασ ταισ⸁

O *ýpsilon* (Ψ) da linha 22 (fólio 151 verso) é a primeira letra de ὑψωθήσεται (será exaltado), verbo que na realidade fecha a unidade textual

anterior. Ela não é, porém, a primeira letra da nova perícope, mas a primeira letra da linha em que a nova perícope começa.

A nova unidade narrativa fala sobre o relacionamento de Jesus com crianças. No texto, os discípulos são repreendidos pelo mestre por tentarem impedir que as crianças se aproximem dele. Elas eram trazidas a Jesus para que ele as tocasse, provavelmente por conta de sua fama como curandeiro e líder carismático. O caso é que Jesus, discordando de seus discípulos, aprova a aproximação das crianças.

Nesse ponto da leitura temos um problema de delimitação. O *kapa* (K) maiúsculo da linha três (fólio 152 recto) na verdade não encerra a narrativa que, no texto bíblico, ensina o leitor não somente sobre o modo como Jesus lidava com as crianças mas também, e principalmente, sobre o Reino de Deus. De fato, a unidade anterior (fólio 151 verso linha 22 até fólio 152 recto linha 3 = Lucas 18.15-16a) só mostra Jesus repreendendo os discípulos por impedirem a aproximação das crianças: "deixai as crianças vir a mim e não as impeçais". As razões para a atitude de Jesus só são expostas nas linhas seguintes, que o copista separou como se fosse uma nova unidade textual, marcando a fronteira entre as passagens pelo uso do *kapa* (K) maiúsculo.

## 4. A Terceira Unidade Narrativa (Lucas 18.16b-17)

O códice 2437 separa a cena sobre Jesus e as crianças de sua conclusão, e o ensino que deveras se quer transmitir se transforma numa nova perícope que começa na metade da linha 3 e termina na linha 7 do fólio 152 recto (Lucas 18.16b-17):

[fólio 152 recto: edição paleográfica]

3 ⸀Κ̈ αὶ μὴ κωλύετε αὐτά· τῶν γὰρ τοι,ούτ̈
4 των ἐστὶν ἡ βασιλεία τοῦ θ,εο.ῦ. ,1817. ἀμὴν λ,έγω.
5 ὑμῖν ὃς ἐὰν μὴ δέξηται τὴν βασιλει,αν.
6 τοῦ θ,εο.ῦ ὡσ παιδίον οὐ μὴ εἰσέλθη εἰσ
7 αὐτήν.

[fólio 152 recto: tradução]

3 [E] não as impeçais; pois das tais
4 é o reino de Deus. (18.17) Deveras digo
5 a vós (que) aquele que não recebe
6 o reino de Deus como criança não entra
7 nele.

Tratando do conteúdo, segundo o imaginário religioso de Jesus (e de muitos outros judeus daqueles dias) num futuro breve Deus governaria todos os povos da terra e o faria instituindo um novo reino. Entretanto, nem todos os homens seriam bem recebidos nesses domínios, e essa oposição determina, em termos bem simples, o que os leitores do Novo Testamento têm chamado de salvação e perdição. Aí entram as crianças, como figuras empregadas para fins didáticos no discurso do evangelho. As crianças eram, naquele contexto específico, bons exemplos de pessoas humildes, ou seja, pessoas sem qualquer prestígio social, sem independência, seres fragilizados, marginalizados, carentes da proteção de um senhor. É assim que os tais devem ser compreendidos dentro do ensino de Jesus e concluímos, portanto, que esta cena narrativa (dividida pelo códice 2437 em duas partes: Lucas 18.15-16a e 16b-17) aí está para acrescentar detalhes ao ensino que já vinha sendo transmitido anteriormente (Lucas 18.10-14). Se o leitor já aprendeu que os soberbos fariseus não alcançavam a justificação diante de Deus em suas orações, agora aprendem mais sobre o perfil das pessoas que supostamente obtêm o favor divino. Deus, do ponto de vista de Jesus (ou melhor, do autor do Evangelho de Lucas), é favorável aos pecadores arrependidos, tais como o publicano da parábola (Lucas 18.10-14), assim como aos marginais, aos carentes, desonrados, sujeitos que metaforicamente são como crianças para os ambientes urbanos do antigo Mundo Mediterrâneo.

## 5. E a Narrativa Continua (Lucas 18.18ss)

Para finalizar o exame da amostra que escolhemos do códice 2437 veremos o que a próxima maiúscula do fólio 152 recto, um novo *kapa* (K), tem a nos dizer sobre a segmentação proposta e o protocolo de leitura:

[fólio 152 recto: edição paleográfica]
8 (18.18.) ⸀Κ̈ αὶ ἐπηρώτησέ τισ αὐτὸν ἄρχων λέγων
9 διδάσκαλε ἀγαθέ, τι ποιήσασ ζω,ὴν.
10 αἰώνιον κληρονομήσω· (18.19.) εἶπε δὲ αὐτῶ
11 ὁ ἰ,ησοῦ.σ·⸁

[fólio 152 recto: tradução]
8 (18.18) [E] certo chefe perguntou a ele dizendo:
9 bom mestre, o que fazendo a vida
10 eterna herdarei? (18.19) E disse a ele
11 Jesus: [...]

Vê-se nesse ponto que a maiúscula marca exatamente o começo de uma nova unidade textual, passagem conhecida que narra o encontro entre Jesus e um homem rico que, embora o quisesse seguir, não o faz por não ter coragem de abdicar de seus bens materiais. As maiúsculas, como desconfiávamos, não são usadas para abrir e fechar as perícopes, penas para indicar as linhas em que elas se iniciam, segundo a leitura do copista ou de algum outro agente da história da leitura bíblica.

## Considerações Finais

Na análise dessas duas páginas do manuscrito vimos que as Bíblias medievais já contavam com recursos gráficos que procuravam facilitar a leitura. Neste caso, o uso de letras maiúsculas em tinta vermelha e fora da mancha do texto é um modo de delimitar unidades narrativas, uma antiga maneira de separar perícopes. Porém, como sempre, essa delimitação é interpretativa e nem sempre os leitores e estudiosos concordam em relação aos pontos em que as unidades narrativas começam ou terminam nos evangelhos. O caráter fragmentário dos textos sempre torna essa tarefa pessoal, mas, depois de feita por determinada autoridade (copista, editor, exegeta etc.) é certo que a segmentação proposta influenciará a recepção por parte dos leitores ou ouvintes do texto bíblico.

No caso do códice 2437, até onde pudemos ver pela análise dessa porção modesta, as unidades narrativas parecem bem delimitadas e, de fato, se o leitor se guiar pelas maiúsculas encontrará quase sempre o início de uma nova perícope. O ponto mais problemático foi aquele em que a maiúscula à margem do texto propõe uma separação entre os versículos 15-16a e 16b-17 do capítulo 18 de Lucas. O dito de Jesus em Lucas 18.17 realmente funciona de maneira independente, mas o mesmo não se pode dizer da porção narrativa dos versículos 15-16, em que Jesus aprova a aproximação das crianças sem, contudo, explicar sua atitude. Neste ponto a segmentação do códice 2437 cria duas perícopes naquilo que deveria ser uma só, sendo que a primeira delas (Lucas 18.15-16a) se torna uma passagem estéril sem a conclusão discursiva de Jesus (v. 16b-17).

## Referências

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **O texto do Novo Testamento:** uma introdução às edições e à teoria e prática da moderna crítica textual. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. "O códice 2437 do Novo Testamento grego (evangelho grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro)". **Ágora – Estudos Clássicos em Debate.** Aveiro, v. 4, p. 39-56, 2002.

BENÍCIO, Paulo José. "Características literárias e tendências manuscritológicas do Evangelho Segundo Marcos no códice 2437". **Revista Philologus,** Rio de Janeiro, v. 49, p. 25-56, 2011.

_____. "Identificação, descrição e datação do códice grego neotestamentário da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro". **Todas as Letras,** São Paulo, n. 6, p. 83-86, 2004.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental** (vol. 1). São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. **A mão do autor e a mente do editor.** São Paulo: Editora UNESP, 2014.

_____. (org.). **Práticas de leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CRAIN, Jeanie C. **Reading the Bible as literature:** an introduction. Malden: Polity Press, 2010.

HORSLEY, Richard A. **Jesus e a espiral da violência:** resistência judaica popular na Palestina romana. São Paulo: Paulus, 2010.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. **Para ler as narrativas bíblicas:** iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009.

METZGER, Bruce M. *Manuscripts of the Greek Bible*: an introduction to Greek Paleography. New York: Oxford University Press, 1992.

_____. "Um manuscrito grego dos quatro evangelhos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro". **Revista Teológica do Seminário Presbiteriano do Sul,** n. II, nova fase, p. 5-9, 1952.

PAROSCHI, Wilson. **Crítica textual do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1993.

PINHEIRO, Ana Virgínia. **O evangelho manuscrito em grego existente no acervo da Biblioteca Nacional Brasileira:** aspectos codicológicos. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional (1998), v. 118, p. 7-33, 2002.

SARAIVA, Maria Olívia de Quadros. **O Evangelho de Lucas no manuscrito grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (cód. 2437):** edição e glossário. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

_____. O Evangelho de Mateus no manuscrito grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (folha 24 recto – Mt, 18:32-35; 19:1-5). **Scripta Classica On-Line.** Literatura, Filosofia e História na Antiguidade. n. 1, 2003.

SARAIVA, Maria Olívia de Quadros; BARBOSA, Tereza Virginia Ribeiro. **Manuscrito grego 2437 da Biblioteca Nacional:** pesquisas desenvolvidas de 1952 a 2012. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

SILVA, Loide Melo de Araújo. **Evangelho de João no códice 2437:** um estudo crítico-textual. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literaturas) – Universidade de Brasília, 2008.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento:** manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

Submetido em: 18-8-2016

Aceito em: 2-8-2016